

RAINHA DO LAR E ANJO TUTELAR: os intelectuais positivistas e construção do arquétipo feminino em São Luís na segunda metade do século XIX.¹

Alexander Miller Câmara Sousa

Graduado em História pela Universidade Estadual do Maranhão.

Resumo:

Estudo sobre a visão do feminino na perspectiva dos intelectuais em São Luís, na segunda metade do século XIX, expressa nos jornais editados por esse segmento. Esses intelectuais combatiam algumas práticas da Igreja como a conivência com a escravidão, o celibato, dentre outras, e associavam todos os males da sociedade à educação religiosa e influência exercida pelos clérigos na educação feminina, apontando como solução para tal degradação a educação positivista, pois esta ensinaria a mulher o caminho no qual deveria seguir para tornar-se o anjo tutelar e rainha do lar, ou seja, mantê-la no espaço privado, considerado “locus” exclusivo das mulheres.

Palavras-chave: Mulher, Igreja, Intelectuais, Imprensa.

Abstract:

Study on the vision of the feminine in the perspective of the intellectuals in São Luís in the second half of century XIX, expresses in periodicals edited for this pursuing. These intellectuals combated some practical of the church as the connivance with the slavery, the celibacy, amongst others, and they associated all males of the society to the religious education and influence exerted for the clergymen in the feminine education, pointing as solution with respect to such degradation the positivistic education, therefore this would teach the woman the way they would have to follow to become the tutor angel and the queen of the home, or either, to keep it in the private space, considered “locus” exclusive for the women

Keywords: Woman, church, intellectuals, press

¹ Este artigo foi escrito com base na monografia de conclusão, do curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, Olhares sobre o feminino: a igreja, os intelectuais e o ideário feminino em São Luís na segunda metade do século XIX

1.Introdução:

São Luís, em meados do século XIX, começava a esboçar significativas mudanças nos aspectos econômico e social se comparada com o século anterior. O crescimento econômico da província impulsionado, pela boa fase nas exportações agrícolas, proporcionou um grande progresso econômico e social para São Luís. A cidade cresceu e se desenvolveu e, dentro desse novo universo, emergiu a mentalidade burguesa, eminentemente urbana, em que a mulher, diferente do espaço rural no qual estava praticamente isolada e restrita exclusivamente a suas obrigações domésticas e religiosas, tinha um ambiente mais abrangente que lhe proporcionava maior sociabilidade e, conseqüentemente, novas regras de comportamento, educação e postura no meio social.

No momento em que as mulheres da elite ²apresentavam-se para a cidade, abrindo as portas de suas casas para receber convidados, acabavam expondo-se e submetendo-se ao julgamento e avaliação da sociedade, ou seja, ao mesmo tempo em que ganhavam maior liberdade, sujeitavam-se também a uma maior vigilância por parte de sua própria família, assim como dos demais membros da elite.

Essa mulher, mais visível na segunda metade do século XIX, tornou-se um dos temas principais do discurso dos intelectuais (segunda geração), servindo como elemento principal para discussão de temas subsidiários como escravidão, secularização do ensino, mas, sobretudo, para o embate entre religião versus ciência.

2. São Luís e a Segunda Geração de intelectuais (século XIX)

A historiografia aponta como fator propiciador da formação de um grupo de intelectuais, conhecido como primeira geração, a fase de prosperidade da província resultante da implantação da economia agro-exportadora. Tal enriquecimento favoreceu o crescimento da cidade de São Luís, local de onde geralmente era escoada a produção agrícola, e permitiu que a elite enviasse algumas de suas filhas, mas preferencialmente os filhos, para estudarem na Europa,

² Da elite (camadas sociais mais elevadas)

principalmente em Coimbra, mas também na França e Alemanha, proporcionando o surgimento de uma elite intelectual na primeira metade do século XIX.(MEIRELES,2001)³

Os rapazes, ao retornarem dos seus estudos, traziam novidades incrementando a vida intelectual da cidade. Esses jovens através, de seus trabalhos como poetas, jornalistas, tradutores, publicistas, professores, biógrafos, historiadores, editores, dentre outros, ganharam certo prestígio no cenário nacional, além de que proporcionaram ao ambiente cultural da cidade um grande dinamismo indicado tanto pela criação de várias escolas e sociedades recreativas e literárias, como pela:

recorrência de palestras e conferências literárias, políticas e científicas; pela publicação intensiva de obras nativas e de outras províncias; pelo brilho em que se revestiam as festas tradicionais; pelas aceras disputas jornalísticas, pelo crescente numero de obras comercializadas, pelas livrarias existentes, pela atividade tipográfica constante, pelo expressivo numero de periódicos fundados. (MARTINS,2002,p.56)

Já por volta do 3º quartel do século XIX, grande parte dos intelectuais formadores da primeira geração havia morrido ou emigrado. Na economia, a província passava por mais um de seus momentos de instabilidade, após tentar substituir o algodão pelo açúcar e implantar a indústria. Diferente da geração anterior que parece ter usufruído os benefícios dos ciclos do algodão e arroz, a nova geração que emergia por volta de 1870 (a segunda geração), viria sob o difícil ciclo do açúcar que estava prejudicado principalmente pela iminência da abolição da escravidão e pelo já decretado fim do trafico negroiro.

A economia maranhense, mesmo apesar do surto econômico ocorrido de 1861 a 1864, produzido pela guerra de secessão dos EUA, não conseguiu se reerguer, tendo grande parte dos produtores de algodão passado a investir no açúcar. E quando os lucros da lavoura algodoeira permitiram o aumento da produção, já era tarde, a época dos preços altos já tinha passado. (VIVEIROS,1992)

No entanto, apesar da decadência econômica da província, as elites de São Luís continuavam defendendo seu status de cidade intelectualizada e, como afirma Lourdes Lacroix, (2002) era uma questão de honra primar pela pureza, correção e elegância no falar. Não era

³ Além de Mário Meireles, outros autores como Jerônimo de Viveiros, Socorro Cabral, Lourdes Lacroix também ratificam essa informação.

admissível ou aceitável que São Luís cedesse seu lugar de destaque como a “Atenas Brasileira”⁴ e, desta forma, a elite tentou viver sob os mesmos padrões do começo do século, mantendo as aparências da riqueza de outrora.

Dentro dessa segunda geração, destacam-se grandes intelectuais, alguns inclusive tiveram projeção além das fronteiras provincianas, tais como: *Celso da Cunha Magalhães, Aluisio Tancredo Gonçalves de Azevedo, Raimundo da Mota de Azevedo Correia, Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo, Teófilo Dias de Mesquita, Adelino Fontoura Chaves, Henrique Maximiliano Coelho Neto, José Pereira da Graça Aranha, Raimundo Nina Rodrigues, Raimundo Teixeira Mendes, Antonio Barbosa de Godois, Jose Ribeiro do Amaral, João Dunshee de Moura e outros.*(MORAES,1977)

A maioria desses jovens estudaram em outras províncias como Recife, Bahia, São Paulo e Rio de Janeiro. A faculdade de Direito de Recife, por exemplo, recebeu vários estudantes maranhenses e representou um grande laboratório de estudos e transmissão das idéias em voga na Europa.

Essa nova geração diferia muito em relação a anterior. O subjetivismo romântico entrava em progressivo declínio e cresceu o interesse e importância do coletivo, em que se desenvolveriam estudos sociológicos. Esses jovens estavam ligados “*nos ideais de evolução, progresso e desenvolvimento, os estudos biológicos e sociológicos de Darwin, Comte e Spencer encontram nas teorias mecanicistas de que Haickel seria expoente máximo, o caminho natural para a plena consolidação do espírito dominante de uma época*”.(MORAES,1977,p 151)

As elites da época, tentando reorganizar a escala de seus valores, passavam a dar lugar a um novo ideário no qual tiveram espaço, garantido expressões do materialismo cientificista, o evolucionismo, o liberalismo, o determinismo, o positivismo, o contra espiritualismo, a laicização, o anticlericalismo, o livre pensamento, o naturalismo etc.(MORAES,1977)

No entanto, apesar da influência de todas essas correntes filosóficas, através da análise dos escritos dos intelectuais no que se refere à questão feminina, aparentemente, duas dessas correntes merecem maior destaque: o anticlericalismo e o positivismo.

A onda de anticlericalismo, surgida no Brasil na segunda metade do século XIX, teve como estopim o confronto de interesses entre maçons e Igreja Católica. Tal conflito teve suas

⁴ O mito da Atenas Brasileira tem sido discutido em diversos trabalhos atualmente como os de Lourdes Lacroix, Henrique Borralho, dentre outros.

motivações jurídicas na querela dos bispos Dom Vital e Dom Macedo que, ao suspenderem e interditar as várias irmandades e ordens terceiras por estas terem se negado a afastar do seu rol os membros maçons, foram presos por ordem do imperador.⁵

Em São Luís, apesar de não ter havido manifestações mais explícitas no tocante a essa questão religiosa envolvendo padres e maçons, não significa que essa questão passou despercebida. Segundo comentário de Joaquim Serra:

...Seja porque a diocese maranhense tenha sido regida por prelados tolerantes e inimigos de discussões públicas, seja porque o maçonismo não exerce grande preponderância na sociedade maranhense, o certo é que atravessamos o período da luta maçônico-episcopal sem que o Maranhão saísse da habitual tranqüilidade... (SERRA Apud MERIAN, 1988, p 79)

Mesmo não havendo manifestações de rua ou grandes conflitos, a questão religiosa passaria a ser alvo de discussões constantes na imprensa maranhense. A igreja católica passou a criticar e também a ser criticada, principalmente porque a maioria dos intelectuais da segunda geração eram adeptos ou simpatizantes da maçonaria. (MÉRIAN, 1988) Na crônica escrita por Aluisio Azevedo, intitulada *Uma carta ao Senhor doutor cônego Mourão*, veremos a defesa a uma crítica destinada à influência dos maçons, rebatendo a crítica feita pela Igreja à influência dos maçons na sociedade maranhense.

... E V.rev. é inteiramente desta opinião, com a diferença porém que v.rev. atribue a precoce decrepitude de nossos costumes e o nosso vergonhoso esphalecimento social, ao estabelecimento da maçonaria nesta cidade; e nós que não acreditamos tão poderosamente na influencia da maçonaria, desdenhamos essa explicação e vamos descobrir em nossa educação religiosa a causa única e completa de nossa degradação phisica e moral. (O PENSADOR, 10 de março de 1881)

A mulher maranhense que freqüentava as igrejas passou também a ser criticada, muitas vezes em discursos agressivos e de tom jocoso. Os males da sociedade passaram a ser atribuídos

⁵ Essas irmandades e ordens terceiras por sua vez inconformadas recorreram ao imperador que lhes deu causa favorável decretando a cessação da suspensão e interdição, o que causou a reação de Dom Vital que rejeitou a doutrina do beneplácito imperial e contestou como absurdo o recurso dirigido à coroa e concluiu que nas questões religiosas o poder civil não teria autoridade, pelo contrario teria estrito dever de obedecer a igreja. Da mesma maneira comportou-se Dom Macedo. Em face de tal atitude insubordinação o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, expediu mandado de prisão aos dois bispos que foram presos em 1874 e condenados a 4 anos de prisão com trabalhos forçados. Pena que meses depois foi amenizada sendo retirados os trabalhos forçados. (FRAGOSO, 1992)

à Igreja e a sua influência sobre a educação, sobretudo feminina, isso porque, no século XIX, a presença das mulheres da elite nos templos se tornou algo mais constante, principalmente pelo fato de que era uma forma destas escaparem do estado de clausura que o ambiente patriarcal as impelia, além do fato do ambiente urbano propiciar mais lugares de convívio e possibilidades de sociabilidade.

Seu principal representante foi Auguste Comte, filósofo francês (1798-1857). Para compreendermos melhor o posicionamento deste em relação às questões morais e disciplinares, com destaque para a construção do ideário feminino, faremos breve digressão sobre alguns aspectos de sua vida.

Comte teve relações familiares problemáticas, o que certamente produziu reflexos sobre o desenvolvimento de sua vida e obra. Em 1825, casou-se com Caroline Massin, uma ex-prostituta, com a qual manteve uma relação tumultuada, pois Caroline constantemente o abandonava e este se submetia a tal situação por medo da solidão. Em 1844, o casal separa-se definitivamente, mas sem se divorciar, pois ele era contra o divórcio. Em 1845, Auguste conheceu Clotilde de Vaux e logo nutriu uma grande paixão por esta senhora, considerando esse período como o de sua regeneração moral. Clotilde e Comte não tiveram um relacionamento amoroso, apenas uma relação fraternal. Quando ela adoeceu, Comte revelou-lhe o seu amor puro e casto. Em 5 de abril de 1846, Clotilde faleceu e, numa tentativa de preservá-la viva em sua memória, Comte transformou-a em sua musa inspiradora, criando a religião da Humanidade. (ISMERIO, 1995)

No que concerne à visão sobre o feminino, a vida de Auguste Comte e suas frustrações amorosas foram relevantes na composição de sua obra. Sua visão era caracterizada por um tom conservador, o que é observado no discurso referente à mulher, atribuindo a esta a preservação da moral e a organização do culto privado, impondo um modelo de comportamento feminino baseado na visão patriarcal. A mulher tinha que ser a rainha do lar e o anjo tutelar da família. (ISMERIO, 1995)

Clotilde de Vaux, o amor platônico e inatingível de Comte, virou a representação da mulher ideal, pura e íntegra, enquanto que Caroline Massin, com quem realmente se relacionou, tornou-se a antítese da mulher perfeita. A primeira à santa e a segunda a pecadora.

Para disseminar essa idéia de modelo feminino presente no catecismo positivista⁶, era necessário que os Positivistas tivessem participação direta na educação feminina, que deveria ser voluntária e planejada. A influência sobre a educação começava pelo casamento, determinando a idade mais apropriada para o enlace que, segundo o Catecismo Positivista, seria a partir dos 20 anos. Para estes, o casamento era considerado o alicerce da organização social.(COMTE, 1979)

De acordo com essas concepções, a mulher deveria ficar restrita ao espaço privado e dedicar-se a sua função de administradora do lar e educadora dos filhos, enquanto que o sustento da família caberia ao marido. Para desenvolverem bem seus papéis, deveriam receber alguns conhecimentos básicos, sobretudo as chamadas prendas domésticas, tais como: costurar, bordar, fazer renda, tocar piano, violino, canto, dentre outras. As mulheres deveriam educar seus filhos nos princípios da moral e do civismo tendo por base a história. (ISMERIO,1995)

Vale lembrar que a mulher era considerada educadora nata por sua natureza terna, desse modo poderia exercer o trabalho de professora, ensinando os alunos como se fossem seus próprios filhos, sem necessariamente correr o risco de perder seu estado de pureza e sua função de mãe-educadora. A mulher poderia exercer também a profissão de costureira, desde que não se afastasse do ambiente privado, por exemplo, da escola, do lar ou do ateliê para a execução das tarefas. (ISMERIO,1995)

As idéias positivistas chegaram ao Brasil por volta de 1850 e ganharam espaço no cenário intelectual brasileiro. Jerônimo de Viveiros, no artigo intitulado “O positivismo no Maranhão”, publicado no jornal *O Imparcial*, comenta que a primeira propaganda de positivismo no Maranhão foi feita pelo Dr. Francisco Antonio Brandão, por volta de 1865, estendendo-se até 1870, e tinha a característica de ser esparsa e demorada. Nesse momento específico, como afirmou Viveiros “... Parece que foi de resultados quase nulos não despertando interesse na nossa elite intelectual”. No entanto, ainda segundo o autor a partir de 1876, “a doutrina de Augusto Comte surgiu de novo na nossa imprensa. Desta vez provocando um escândalo, despertando a atenção do público”.(O IMPARCIAL, 12 de dezembro de 1954).

Juntos, os intelectuais positivistas da segunda geração fizeram efervescer os debates na imprensa local e, mesmo sendo relativamente baixa a quantidade de leitores em função do analfabetismo, os periódicos, assim como os folhetins, desempenhavam um papel de grande

⁶ Obra escrita por Auguste Comte entre 1851 e 1854, com o objetivo de disseminar a doutrina da Religião da Humanidade, baseada nas idéias e moral positivista

relevância na divulgação de novas idéias, mesmo porque São Luís era uma cidade onde não havia o hábito de comprar livros⁷ nem de freqüentar bibliotecas, sendo, desta forma, a circulação desses jornais uma possibilidade de leitura mais acessível. (MERIAN,1988)

Antes de 1875, as principais publicações eram traduções de obras estrangeiras, sobretudo romances e melodramas, voltados geralmente para as leitoras. E assim como para a mulher burguesa européia em meados do XIX, a leitura passou a ser uma possibilidade de “libertação”, para as moças e mulheres da elite maranhense foi uma oportunidade de deixarem suas imaginações fluírem, de conhecerem novos horizontes e esquecerem, mesmo que momentaneamente, as suas condições de esposas submissas e enclausuradas.(MERIAN,1988)

No 3º quartel do século XIX, com a questão dos bispos, a onda de anticlericalismo aumentou, e os intelectuais, normalmente adeptos da maçonaria e inspirados nos princípios do positivismo, utilizaram-se da imprensa satírica como meio de luta contra a Igreja. Por volta de 1880, foi retomada essa discussão e elementos como a infalibilidade Papal, celibato, secularização do ensino, condição feminina e escravidão voltaram a ser motivos para os constantes debates na imprensa local.

O papel da mulher passou a estar no centro dos debates sobre a família. Os estudos filosóficos de Comte, o evolucionismo de Darwin e o determinismo de Spencer foram preponderantes para os estudos e impressões dos intelectuais sobre a mulher e seu papel na sociedade. (MÉRIAN,1988)

Textos como os de Alexandre Dumas⁸, filho, que sustentavam que o papel principal das mulheres era o de serem mães e esposas e, em função disso, a educação moral e intelectual deveria ser concebida de maneira que as tornassem mães e esposas perfeitas, também tiveram relevante importância no trabalho dos intelectuais maranhenses. Tal assunto passou a ser um dos pontos importantes discutidos nos jornais criados pelos intelectuais, principalmente porque estes associavam como causas da decadência social e da degradação dos costumes da província, a manutenção do sistema escravista e a influência exercida pelo clero sobre a população, principalmente, através da manipulação das mulheres (MÉRIAN,1988)

⁷ A entrada de livros no Brasil colonial era vetada pela metrópole, somente com a Independência política, que foi permitido a entrada desses artigos, mas em pequena quantidade e com preços elevados.

⁸ Escritor francês, filho de Alexandre Dumas, que escreveu o romance “A dama das camélias”.

3. Os intelectuais e a imprensa: a construção do arquétipo feminino

Em 1877, os jovens da segunda geração fundaram o “*Jornal para Todos*” dedicado às ciências, arte e literatura. Em 1879, criaram “*A Flecha*”, que se intitulava em um dos seus artigos como uma flecha “*certeira e penetrante do índio das nossas florestas (...) vibrando os golpes da sua critica imparcial e justiceira aos costumes da sociedade*”. (A FLECHA.14.03.1789).

A *Flecha* foi lançado por João Afonso do Nascimento, em sociedade com Aluisio Azevedo, e funcionou de 14 de março de 1879 a 25 de outubro de 1880. Era publicado três vezes ao mês. Esse jornal tinha um tom absolutamente debochado, criticando a sociedade como um todo. E a mulher era vista sob os moldes da doutrina positivista.⁹

Em alguns momentos, o periódico abordava a figura feminina sob um prisma romântico, mostrando ainda a forte influência desta escola. A mulher era decantada como um ser quase angelical, sendo que, características como virgindade, beleza e fragilidade eram ressaltadas na construção do estereotipo da mulher perfeita.

Scysma da Virgem

(...)

e ella fitando o manto cor de perolas
ao sol no occaso lânguida sorria

Quadro sublime! Nos cabellos soltos
a aragem se enredava leve e olente,
e as negras fimbrias da madeixa longa
coalhavão-lhe Nos seios brandamente

Na mão pousava a face aveludada
onde as rosas do amor langues brotavão
e as brisas da tarde embalsamadas
seos perfumes alegres bafejavão

(...)

O ceo tem astros!...A amplidão seos sylphos!...
o mar a espuma que arremessa à praia!
a virgem?!...o anjo?! Tem o sorriso, a scisma

⁹ Além de João Afonso do Nascimento e Aluisio Azevedo, também escreviam no jornal “A FLECHA”: Eduardo Ribeiro, Agripino Azevedo, Paula Duarte, dentre outros.

si em pranto ou riso o coração desmaia!

B. de Godois

(A FLECHA.,nºII. março de 1879)

Além do verso, a prosa também era utilizada para destacar a importância da mulher. No romance intitulado LAURENTINA¹⁰, vemos mais uma vez a forma idílica com a qual os intelectuais se referiam à mulher. É importante ressaltar que esse tipo de publicação era voltado especificamente para o público feminino. Nesse trecho do romance, é destacada a criação da mulher como sendo a obra prima de Deus.

(...)

Faltava o rei

O artífice supremo tomou o lodo da terra e animou a estatueta que com suas mãos modelara

<< Era o homem

<< Mas isso não bastava?

<< Não

<< Faltava alguma coisa

<< Faltava tudo

<< Foi então a última palavra da natureza, a nota afinada do aperfeiçoamento.

<< A mulher.

(...)

(A FLECHA, nº VI abril de 1879)

Por outro lado, esse jornal também ressaltou a antítese da mulher perfeita, e com seu tom jocoso, satírico, ou seja, carregado de humor, fez inúmeras piadas tendo a mulher como personagem principal. Em alguns casos, enfatizou a questão da maldade e hipocrisia associando tais práticas como corriqueiras na vida das senhoras maranhenses. Em outros, destacou a falta de inteligência e mesmo de preparo da mulher, associando-a a um ser imbecil, obtuso e com capacidade cognitiva inferior, desse modo secundário e dependente em relação ao homem..

Como se chama? Perguntaram a uma mulher

¹⁰ LAURENTINA foi um romance publicado de forma fragmentada pelo jornal "A FLECHA", era uma espécie de folhetim, sendo que cada parte da história era publicada em uma edição diferente(subseqüente).Era assinado através do pseudônimo Vaz Ilha.

- Ana Francisca Pinheira
 - E seu pae?
 - Fulano de tal Pinheiro
- N'esse caso o seo nome também é Pinheiro
- Mas meu pae é homem e eu sou mulher.
- (A FLECHA, nº VI, abril de 1789)

DITOS DA RUA:

- O mulher, venda-me um caju
 - Não posso, senhora
 - Então porque?
 - Porque eu só vendo caju dous a dous: <<homem com mulher>> um grande e um pequeno
- (A FLECHA, nº XXI de 10 de outubro de 1879)

Apesar de vários temas acerca da mulher terem sido abordados, sem dúvida o que relacionou a Igreja à figura feminina foi um dos que mais mereceu destaque por parte dos jornalistas. A excessiva devoção das senhoras maranhenses foi motivo de piada para esses intelectuais, que associavam a ida das mulheres à Igreja a atitudes fanáticas, beirando a loucura, como veremos na seguinte piada.

Na festa de Santo Antonio

Tinham dependurado em um castiçal junto ao Santo um chapeo de sol e uma velha beata, lançando-se de joelhos e de braços abertos, exclama, cheia de sincera devoção:

- Ah! O chapeo de sol de Santo Antonio!

Martim

Sem ser Francisco

(A FLECHA, nº X., 1879)

Outro jornal criado por esses intelectuais para divulgação de suas idéias foi “*O FUTURO*”, fundado em 16 de junho de 1881, por Manuel de Bettencourt e que se intitulava “órgão de propaganda progressista”. Este semanário defendia as teses e o ideário sobre o feminino adotado pelos positivistas. O tom da escrita era bem diferente do jornal *A Flecha*, no entanto, a visão e as temáticas se confundiam. A crítica à Igreja Católica, à educação dada às

mulheres pelos clérigos e ao grande envolvimento das senhoras nas questões da Igreja foram alguns dos pontos marcantes nos artigos desse jornal.

Para Manuel de Bettencourt, a educação dada pela igreja era algo ignóbil e sem utilidade, transformando a mulher em uma eterna criança sem capacidade de raciocínio, sem direitos e, sobretudo, impossibilitada de exercer suas funções no seio do seu lar, levando sua família a condição de “monstro social”. Criticava também o excesso de idas das mulheres à igreja, inclusive em horários considerados atípicos, e ainda deixava em evidência que muitos comportamentos apresentados pelas beatas não passavam de fachada e, quando estas eram submetidas a qualquer obstáculo, mesmo que mínimo, perdiam o controle.

Na crônica “*Algumas mulheres da época, ou o fanatismo – Coração de Jesus*”, Manuel de Bettencourt mais uma vez aproximou o tema mulher à religião. Durante seu texto, fazia sempre a ligação da mulher carola com a maldade, sobretudo através de castigos infligidos aos seus escravos¹¹, desta forma tecendo uma crítica contundente a convivência da Igreja católica com a instituição da escravidão e também a influência da Igreja na formação da família. Destacava ainda que feliz era a moça que não gostava de igreja ,pois seu coração estaria livre de toda maldade e, por isso, propensa a um futuro por ele considerado soberbo: o casamento. Deixava evidente que a mulher que muito ia à Igreja abandonava sua casa e família. Essa crítica estava direcionada à Associação de Mulheres Católicas, conhecida como Sagrado Coração de Jesus.

Toda a mulher que goste de igreja, papa missas, ladainhas e tem temor pelo confissionario, é má para os seus escravos.

Há mulheres que muitas vezes deixam seus filhos doentes em casa, e vão para Santo Antonio, porque aquilo já é um vicio.

Há outras que lá vão, abrem o livro – Horas marianas, mas, o seu pensamento não está nelle, e sim no que diz respeito à maldade!

Há também algumas que abandonam os maridos, por causa muitas vezes de – ladainhas! Toda mulher que segue este caminho, nós detestamos como quem detesta um ente abjeto!...

O nosso estado social hoje é outro. Felizmente, as meninas chics dos bailes, pela maior parte, não gostam de igreja.

Nôs comprimantamol-as. Em seus corações não existe maldade. Em seus corações existe – o divertimento, a alegria, o amor de seus pais e uma inclinação para um futuro soberbo – o casamento

¹¹ A maldade com os escravos era uma prática comum entre as senhoras da elite maranhense, e foi alvo de diversas denúncias, como o caso de D. Ana Rosa e o seu escravo Inocência.

Outras destas jovens, procuram o trabalho para sustentar muitas vezes a sua família que procura viver d'um trabalho honrado e não quer saber de igrejas, porque é lá, nesse foco de superstições, que, aprendem-se as maldades e muitas vezes- os dogmas da desonra! A estas ainda louvamos mais, porque vemol-as trabalhar para a união do que é mais puro e mais belo neste teatro immenso, - a Família! - a sociedade por excelência.

(...)

Se em vez dos Senhores padres ensinarem a essas meninas e mulheres do Coração de Jesus, uma religião falsa, ensinassem a nossa língua; com certeza teriam votos de louvor, porque muitas que lá vão, têm vivido desde seus princípios, na lama da ignorância! - o atrazo intellectual em se acha o nosso povo!

(...)

Se elles aconselhassem a essas devotas ignorantes que muitas vezes deixam os filhos doentes em casa e pedem emprestada a criada da vizinha, sô por não poder deixar de ir ao fanatismo - Coração de Jesus; que cuidassem dessas pobres figuras da infância, então os seus nomes seriam estampados nos columnas do nosso periódico.

Mas não, -elles, até dizem que os maridos que privarem as suas mulheres de ir a igreja - estas devem abandonal-os!

(...)

Já sabes quem são as beatas do coração de Jesus?

Ah! Amigo, se nós te fossemos pintal-as, tu temerias, de certo

Estas mulheres são as que moem à surra os seus semelhantes, só porque vivem nas trevas da escravidão!

Tu se as visse correrias de medo, por que estas mulheres trazem de uma a baixo a legenda por onde se as conhece.

- A MALVADEZ!!(...)

(O FUTURO, 14 de julho de 1881)

Já o jornal *O Pensador*, que será o último período abordado nesse trabalho, foi publicado por um grupo de jovens positivistas, dentre os quais faziam parte Artur Jansen Tavares, Artur Pereira, Eduardo Ribeiro, Paula Duarte e Antonio Machado, sob a direção de Manuel de Bettencourt e com participação de Aluisio Azevedo. Apresentava-se como “*órgão dos interesses da sociedade moderna*” e era publicado três vezes ao mês. Começou a circular na cidade no dia 10 de setembro de 1880, tendo sido parcialmente financiado pelas lojas maçônicas. (MERIAN, 1988)

O tom desse jornal era bastante agressivo e tinha como principais alvos o obscurantismo da Igreja, a ignorância, o dogmatismo e o fanatismo dos padres católicos. As crônicas desse periódico, em geral escritas por Aluisio Azevedo, mostravam a preocupação do autor com a

influência da Igreja na vida da mulher maranhense e o seu impacto na organização da família. O periódico também abordava a temática feminina em espaços mais cômicos e com aspecto menos formal, como “ECHOS DA RUA”, no qual geralmente se fazia uma crítica jocosa à relação mulher/Igreja. No trecho seguinte, há uma provocação dos redatores indicando uma receita para que as moças pertencentes ao Sagrado Coração de Jesus conseguissem maridos. Evidente que esta era mais uma forma de atacar a atuação dessa associação religiosa.

Receita p’ra Quarentonas do coração, que já perderão a esperança do cazorio:

Agoa distillada-----500gr

Essência de confessionário-----200gr

Acido marranico-----2gr

Protoxydo de Geréba-----5gr

Raspas de Magriço-----10gr

Misture e tome um calix

(O PENSADOR, 20 de setembro de 1880)

Outro segmento do periódico que mereceu atenção foi o intitulado “Movimento dos Templos – Santo Antonio na sexta-feira ultima”. Nesse editorial, o autor procurou mostrar, de maneira também cômica e irônica, a freqüente visita das mulheres, conhecidas por beatas, ao templo católico de Santo Antonio. E ainda aproveitava para debochar dos padres, chamando-os de traficantes, ordinários, dentre outros insultos.

<<Movimento dos templos – Santo Antonio na sexta-feira ultima”,

Beatas sem namorados-----11

Ditas da sachristia-----18

Dita de Santa Catharina-----1

...

Jesuítas – traficantes-----3

(O PENSADOR, 10 de fevereiro de 1881)

Entretanto, foram através das crônicas que os intelectuais da segunda geração, principalmente Aluisio Azevedo, expressaram de maneira mais explícita suas convicções acerca da importância do papel feminino para a sociedade. A relação entre a igreja e a mulher e o sentimento anticlerical, aliado às idéias positivistas deram o tom e o direcionamento geral a essas crônicas. A preocupação com o papel dos padres dentro das famílias provocou críticas acirradas e diversos debates sobre a temática.

Um dos principais pontos discutidos foi à questão do celibato dos padres. Normalmente a instituição do celibato, ou castidade dos padres, era vista de forma negativa por estes intelectuais, pois, assim como os outros homens, o pároco também tinha suas necessidades sexuais. Desta forma, a constante presença de mulheres na convivência destes, para os intelectuais, colocava em risco a virtude e a dignidade dessas moças e a fidelidade das mulheres casadas. O papel da confissão também acabava sendo alvo de muitas críticas, pois a confissão representava, na concepção desse grupo de intelectuais, como uma violação das consciências, o que normalmente abria espaço para o padre usar de suas artimanhas de sedução contra as mulheres. Desse modo, o padre, era visto como *“um fator de desorganização da família e, ao invés de elevar o nível moral da sociedade, contribuía para sua corrupção”* (MERIAN, 1988: p 159).

Tivemos ainda a influência católica na educação feminina como tema para inflamadas crônicas. Aluisio Azevedo sempre associava todos os defeitos da mulher maranhense a uma educação viciada, ignóbil e que não preparava a mulher para sua real função, que era de tutora dos filhos e administradora do lar. Desse modo, no momento que não educava bem os filhos, corroborava com o fracasso da sociedade. Em uma crônica de março de 1881, há descrição dura e até mesmo exagerada de Aluisio sobre a mulher maranhense típica da escola naturalista, em que a descreve como um ser supersticioso, imbecil, feio e cheio de vícios, demonstrando, dessa forma, todo seu rancor contra a sociedade.

(...)

A mulher maranhense é por excelência a devota, a carola, a mulher cheia de superstições, cheia de abusões. É a mulher que so apara os cabellos pelo quarto crescente da lua, é a mulher que não consente os chinellos emborcados debaixo da rede, é a mulher que não corta as unhas à noute e tem mão agouro com o arrulhar das pombas, com o uivar dos cães, com a entrada inesperada de uma borboleta na varanda ou no quarto. E a mulher nervosa, sem exercício, sem movimento, com o útero estragado pela anquinha ou pelos saltos do sapato *Pompadour*, com o fígado inutilizado pela pimenta de cheiro, com o cabelo ardido pelo óleo de babosa, com a cara ensardada pela avaidade de chumbo e pelos vinagres aromáticos, com os dentes cariados pelo abuso do assucar, com o sangue aguado pela carne podre, que nos vem do açougue, com os nervos sobressaltados pelas muitas chicharas de chá verde, pelas insomnias, pelas valsas e pelas immoralidades do defunto Casemiro de Abreu. É a mulher feia, magra, anêmica, cheia de frieiras, com hálito quente, as mãos húmidas, pescocinho se finando, as orelhas se despregando do craneo, a bocca contrahida por uma tristeza ideal e lyrica, os olhos mortos, a cor biliosa, a espinha arqueada, os hombros levantados e os pés chatos e vacilantes. É a mulher que teve uma paixão aos doze anos, que emmagreceu e minguiu aos quinze, que desejou morrer aos desesseis e envelheceu aos vinte. É a mulher que tem medo de tudo, do quatro escuro, das mascaras, dos trovões, das descargas militares, das baratas, das osgas é a mulher

que a noute, perfeitamente fechada a alcôva, vae metter-se na rede da mãe preta com medo d'ingez, mas que no entanto abre fora d'horas a janella da sala para ouvir o trovador de esquina, que , encostado ao lampeão, de ponta de cigarro no canto da bocca, a perna crusada, o olhar, voluptuoso, affirma, dedejando o violão, que,

A não ser certas mazellas,

Desejava ser camisa

P'ra cobrir o corpo

A mulher maranhense, senhor cônego Mourão, é a mulher que se casa aos quatorze annos e inutiliza-se para o resto de sua vida, é a mulher que acredita nos milagres da virgem, nas cóleras de Deus, na efficacia da confissão, na necessidade moral do jejum, é a mulher supinamente ignorante de seus deveres sociais e de suas obrigações domesticas. É a mulher que não sabe escolher uma toilette adequada à sua phisionomia, a sua idade e estado, a sua constituição e ao meio que se propõe freqüentar, é a mulher que não se escolher o marido, que não sabe preparar pós para os dentes, areiar um tacho, desencardir um lenço e desenfectar uma caróla. É a mulher que não sabe andar, não sabe se assentar e não sabe estar em sociedade, mas que em compensação conhece de cor todas as rezas, todas as ladainhas, todas as jaculatórias, sabe queimar pindova benta para apasiguar trovões, sabe remédios sobreturaes para tudo, sabe pendurar no poço um Santo Antonio e amarrar no vestido um santo Onofre. A mulher maranhense é finalmente a antithese da mulher ingleza..

A mulher maranhense não sabe reagir, nunca aceita a responsabilidade do que faz- quando commete uma falta, desculpa-se do seguinte modo – E´ porque mesmo já tinha de succeder!

Esta inconsciência dos próprios actos dá logar a terríveis desmoraamentos sociaes...

(O PENSADOR, 10 de março de 1881)

No entanto, apesar de todo o embate contra a Igreja Católica, os intelectuais não defendiam a extinção da religião, nem o afastamento total da mulher das práticas religiosas, e sim recomendavam que a mulher poderia e deveria exercer sua religiosidade, mas sem deixar suas obrigações domésticas.

Queremos a mulher religiosa, decerto que a queremos! Porque todos nós precisamos de uma religião, mas queremos-la com dignidade, com amor, com fé; nunca consentiríamos que a mulher ou filha nossa acreditasse estupidamente que o diabo disfarçou-se em maçons e foi estourar na Maçonaria defronte do padre Jenner.

(...)

Queremos a religião, mas queremos-la pura, de boa fé, de boa intenção, e não desvirtuada, abandalhada por desplantes daquele quilate

(O PENSADOR, 20 de março de 1881)

Após toda a crítica acerca da relação mulher-Igreja, de ressaltar os males trazidos à sociedade e à família pela educação religiosa, os intelectuais sugeriam a educação positivista baseada na preparação física e intelectual da mulher para desempenhar bem seu papel de mãe e gestora do lar, como único meio de purgar os males trazidos pela religião e tornar a sociedade melhor. Em um fragmento extraído do artigo “*Uma carta as excellentissimas irmãs do Coração de Jesus*”, de dezembro de 1880, observamos a recomendação dada pelo autor sobre a educação positivista baseada nas ciências naturais como sendo o remédio para os males sociais, preparando a mulher para sua função de anjo tutelar e guardiã do lar.

...

Para extinguir essa geração damnada, para purgar a humanidade dessa syphilis terrível, só há um remédio – é dar a mulher uma educação sólida e moderna, é dar a mulher essa bella educação positivista, que se basea nas sciencias naturaes e tem por alvo a felicidade commum dos povos. É preciso educal-a phisica e moralmente, preparam-a por meios práticos e scientificos para ser uma boa mãe e uma boa cidadã- torna-la consciente de seus deveres domésticos e sociológicos – predispor-lhe de mil desgraças, dar-lhe bân gymnastica e uma alimentação conveniente a myotilidade de seus músculos, instruil-a e obrigar-a principalmente a trabalhar – o trabalho é a base da dignidade, da saúde e da affirmação no dever.

A mulher assim preparada não ia gastar ociosamente os dias na egreja, porque comprehende que um dever sagrado a prende a sua casa a sua família. Não casará, nem consentirá que filha sua case sem idade necessária para conhecer os inconvenientes que resultam de um casamento prematuro. Não viciara seus filhos com palmadas e chicotadas, porque sabe que o castigo corporal é uma medida contraproducente. Não desdenhará ensinar lhes um officio, porque reconhece que o exercício braçal desenvolve a intelligencia e accentua o character

Essa mulher enfim nunca desampara o seu marido ou os interesses de sua casa, nas crises terríveis da vida, porque o trabalho quotidiano deu-lhe coragem para affrontar as quebras desastrosas, as necessidades, as misérias e todas as desgraças humanas – ha de resistir as tempestades como resistem os fortes e os bons – ella, como um commandante honrado, morrera abraçada ao seu navio!

(O PENSADOR, 10 de dezembro de 1881)

Enfim, como procuramos demonstrar, a visão dos intelectuais acerca da mulher expressa nos periódicos *A Flecha*, *O Futuro* e *O Pensador*, muitas vezes apresentou-se de maneira acalorada e estereotipada, refletindo principalmente o sentimento anticlerical desses intelectuais e

confirmando o ideal positivista sobre a figura feminina, no qual o espaço feminino era o ambiente privado e sua função principal era cuidar da casa e educar os filhos.

O discurso dos intelectuais positivistas maranhenses não era para destruir o alicerce social pautado na definição conservadora dos papéis femininos e masculinos, antes, reforçava-os através do discurso científico, objetivando a manutenção da ordem social.

4.Considerações Finais

A visão do feminino como um ser frágil, intelectualmente inferior, naturalmente dotado para a procriação e o cuidado da casa, acompanhou o pensamento ocidental desde a antiguidade, sendo essa relação de subordinação feminina x dominação masculina a marca característica das sociedades patriarcais. Da filosofia clássica, à teologia cristã e ao pensamento científico moderno, os discursos e os olhares sobre o feminino (*mutatis mutandis*) caracterizaram-se pela tentativa de justificar o *status quo* da sociedade patriarcal.

No século XIX, momento de transformações econômicas e sociais significativas na sociedade ocidental, com a afirmação da sociedade industrial burguesa, em que as mulheres também lutam por mais espaços na sociedade, assiste-se a um recrudescimento do ideário feminino pautado nos valores da família, da moral, da honra, com uma grande preocupação com a manutenção dos papéis tradicionais femininos, mesmo que feitos com discursos aparentemente novos, a exemplo do positivista.

No Maranhão, a segunda metade do século XIX caracterizou-se pelas transformações urbanas e por novos espaços de sociabilidade para as mulheres, contribuindo para a emergência de uma mentalidade eminentemente burguesa e urbana..

Os intelectuais maranhenses da chamada segunda geração (1868-1890), influenciados principalmente pelas correntes filosóficas anticlerical e positivista, proporcionaram um momento de efervescência na imprensa maranhense, atacando de forma enfática a Igreja, em especial a influência que exercia sobre as mulheres. Nesses debates e embates, os intelectuais utilizavam com frequência a imagem da mulher como elemento principal para a execução de suas críticas, isto porque os positivistas consideravam a educação religiosa e a influência exercida pelos clérigos na vida das mulheres como um dos principais motivos de desestabilização da sociedade.

Para a resolução dos males sociais, esses jovens intelectuais indicavam a educação positivista baseada nas ciências naturais. Era preciso preparar a mulher física e intelectualmente para exercer sua função de anjo tutelar e guardião do lar. A mulher além de cuidar dos filhos ainda deveria servir de musa para inspirar o cônjuge e a prole a serem pessoas honradas.

Mesmo havendo uma oposição de interesses entre a Igreja e os intelectuais positivistas e do lugar social de onde se originavam os discursos, sendo os religiosos baseados em questões teológicas e os intelectuais no discurso científico, no que se referia às questões relacionadas ao papel da mulher e da família havia semelhanças entre os dois discursos, pois ambos estavam pautados em uma moral autoritária e conservadora, restringindo a atuação da mulher ao ambiente privado.

Apesar da crítica feita pelos intelectuais positivistas à influência da Igreja na educação feminina, as bases de sua proposta educacional também não pretendiam mudar a situação nem o papel da mulher dentro da sociedade maranhense, e sim reforçar a condição de submissão e inferioridade feminina ressaltando seus lugares tradicionais de mães e esposas, não questionando o “locus” da mulher dentro da sociedade, antes contribuindo para a perpetuação da ordem tradicional.

5.Referências

Fontes Primárias

Jornais:

- **Flecha (A)** - São Luís: 1879-1880
- **Futuro (O)** - São Luís: 1881
- **Pensador (O)** - São Luís: 1880-1882
- **Imparcial (O)** – São Luís: 1954

Fontes Secundárias

ABRANCHES, Dunshee de. **O Cativoiro**. São Luis: Alumar,1992.

_____. **A esfinge do Grajaú**. 2ed São Luis: Alumar,1993.

ABRANTES, Elizabeth Souza. **A Educação do Bello Sexo em São Luis na segunda metade do século XIX**. UFPE, 2002.(Dissertação de Mestrado)

ALENCASTRO, Luis Felipe de (org). **História da Vida Privada no Brasil 2: Império: a corte e a modernidade nacional.** São Paulo: Companhia das Letras..2002

AMARAL, José Ribeiro do. **O Maranhão Histórico.** São Luís: Instituto Geia,2003.

AZEVEDO, Aluisio. **O Mulato** São Paulo:Ática 2001.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescente. **Mulheres de Ontem?** Rio de Janeiro – Século XIX. São Paulo T.A Queiroz. 1988.

BORRALHO, José Henrique de Paula. **Terra e céu de nostalgia: tradição e identidade em São Luís do Maranhão**> Assis (SP); UNESP,2000 (Dissertação de Mestrado)

BURKE, Peter (Org). **A Escrita da Historia: novas perspectivas.** São Paulo UNESP..1992

_____ **A Escola dos Annales 1929 – 1989: A Revolução Francesa da Historiografia.** São Paulo UNESP.1997

CALDEIRA, Jose de Ribamar. **O Maranhão na Literatura dos Viajantes no século XIX.** São Luís: AML/SIOGE.1991

CAUFIELD, Sueann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1978-1940).** São Paulo:Unicamp. 2000.

COMTE, Auguste. **Curso de Filosofia positiva; Discurso sobre o Espírito Positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; catecismo Positivista: Os Pensadores.** São Paulo :Victor Civita, 1978.

FARIA, Euclides.(Lourenço Gomes Furtado). **Noticias da Capital: cartas ao compadre Tibúrcio.** Maranhão: Livraria Econômica, 1907.

GAIOSO, Raimundo José de Sousa. **Compêndio Histórico -Político dos Princípios da Lavoura do Maranhão:** Livros do Mundo Inteiro. Maranhão 1970.

ISMÉRIO, Clarisse. **Mulher: a moral e o imaginário: 1889 – 1930:** Rio Grande do Sul. EDIPUCRS. 1995.

LACROIX. Maria de Lourdes Lauande. **Educação na baixada maranhense, 1822-1889:** São Luís:SECMA., 1982.

_____ **A Fundação Francesa de São Luís e seus mitos.**São Luís: EDUFMA, 2002.

LOBO, Antonio. **Os Novos Atenienses (Subsidio para a Historia Literária do Maranhão).** Academia Maranhense de Letras:São Luís:SIOGE..1970.

MARQUES, César Augusto. **Dicionário Histórico – Geográfico da Província do Maranhão.**; Rio de Janeiro: Fonfon e Seleta, 1970.

MARTINS, Manoel de Jesus Barros. **Rachaduras solarescas e epigonismos provincianos – sociedade e cultura no Maranhão neo-ateniense: 1890-1930.** Recife: UFPE:2002. (Dissertação de Mestrado)

MÉRIAN, Jean-Yves. **Aluisio Azevedo: vida e obra (1857-1913): o verdadeiro Brasil do século XIX:**Rio de Janeiro. Espaço e Tempo/INL. 1988.

MEIRELLES, Mario Martins. **Historia do Maranhão:** São Paulo: Siciliano,2001.

MONTELLO, Josué. **Aluisio Azevedo e a Polêmica d'O Mulato.**Rio de Janeiro Jose Olympio/INL..1975

_____.**Historias da Vida Literária.** Rio de Janeiro:Nosso livro,1944.

_____. **Lanterna Vermelha.** São Luís: SIOGE..1985.

MORAES, Jomar. **Apontamentos de Literatura maranhense.** São Luís: Sioge,1977

_____(org) **Livro do Sesquicentenário de Celso Magalhães (1849-1999).** São Luís. Ministério Público do Estado do Maranhão/Academia Maranhense de Letras,1999

OLIVEIRA, Antonio de Almeida. **O ensino Publico: obra destinada a mostrar o estado em que se acha e as reformas que exige a instrução publica no Brasil. Maranhão, 1874.**

PALHANO, Raimundo. **A produção da coisa pública: serviços públicos e cidadania na primeira república.** São Luís: IPES, 1988.

PEDRO, Joana Maria. **Mulheres Honestas e Mulheres Faladas: uma questão de classe.** Florianópolis: Editora da UFSC,1994.

PRIORE, Mary Del. **Historia das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto,2001

_____. **Mulheres no Brasil Colonial: A mulher no imaginário social. Mãe e mulher, honra e desordem. Religiosidade e sexualidade.** São Paulo: Contexto.. 2003

SAFFIOTI,Heleieth Iara Bongiovani. **A Mulher na Sociedade de Classes: mitos e realidade.** Petrópolis: Vozes, 1976.

SOUSA, Márcia Elaine Januário. **Os intelectuais e a modernidade no Maranhão(1870-1890).** São Luís: UEMA, 2004.(Monografia)

VIVEIROS, Jeônimo de. **História do Comércio do Maranhão: 1612 + 1895.** São Luís: Associação Comercial do Maranhão, 1992.

_____, **Alcântara no seu passado econômico , social e político** 3ed São Luís:
AML/ALUMAR,1999